

A Iconicidade e a Arbitrariedade na Língua Brasileira de Sinais: Percursos dos Sentidos em Questão

The Iconicity and the Arbitrariness in the Brazilian Language of Signs: direction path of the senses in question

Silvana Langhi Pellin Pereira*

*Universidade Federal da Grande Dourados, UFGD, Dourados - MS, 79825-070,
 e-mail: vanapellin@gmail.com

Rita de Cassia Aparecida Pacheco Limberti**

**Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, Dourados - MS, 79804-970,
 e-mail: limberti@hotmail.com

Resumo: O objetivo principal deste artigo é verificar a possibilidade de haver ou não traços da arbitrariedade que levem, mesmo que remotamente, à iconicidade na língua brasileira de sinais, haja vista que iconicidade e arbitrariedade são dicotomias que atravessam, até hoje, discussões entre os linguistas. Nesse estudo, elas não são tomadas como fenômenos isolados e estanques, pois se definem uma em relação à outra. Para realizar este trabalho optou-se pela pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, cuja proposta foi realizar uma investigação à luz da teoria semiótica greimasiana. Antes, porém se fez necessário discutir acerca da linguística de modo geral, focando na linguística da língua brasileira de sinais, uma língua de modalidade visuo-espacial. O *corpus* da pesquisa constituiu-se a partir da seleção de sinais pertencentes à categoria verbo não direcional. Esta categoria foi selecionada devido aos verbos pertinentes a ela serem isentos de marcas de concordância; verbos sem concordância não deixam a iconicidade transparente. Neste recorte, apresentam-se algumas reflexões acerca das análises fundamentadas no modelo do quadrado semiótico greimasiano, de sentido *iconicidade => não-iconicidade => arbitrariedade e arbitrariedade => não-arbitrariedade => iconicidade*. Estes percursos nortearam a investigação. As análises reafirmam a dicotomia existente entre a arbitrariedade e a iconicidade. Os resultados acerca da arbitrariedade possui algum aspecto que remeta à iconicidade evidenciaram que os sinais analisados têm os parâmetros ponto de articulação (PA) e expressões não manuais (ENMs), confirmando, assim, que os verbos não direcionais se correlacionam com a iconicidade.

Palavras-chave: língua brasileira de sinais; iconicidade e arbitrariedade; percursos do sentido.

Abstract: The main objective of this article this is the verify possibility whether or not there are traces of arbitrariness that take, even that remotely, the iconicity in the Brazilian sign language given that the iconicity and arbitrariness are dichotomies that go through until today, discussions between the linguists. In this study, they are not taken as isolated and watertight phenomena since they are defined in relation to each other. The to do carry out this work we chose the exploratory bibliographic research whose proposal was to conduct an investigation in light of the theory greimasian semiotic. Before, however, it was

necessary to discuss about linguistics in general, focusing in the linguistics of the Brazilian sign language, a language of spatial visual modality. The corpus of the research was constituted from the selection of signs belonging to the no – directional verb category. This category was selected owing pertinent verbs to it be exempt from concordance marks, verbs without concordance do not make iconicity transparent. In this article, we present some reflections about the analyzes based in the of model of square semiotic greimasian, the which made it possible the tracing of the pathways of meaning iconicity => non-iconicity=> arbitrariness and arbitrariness => non-arbitrariness => iconicity. These pathways guided the investigation. The analysis reaffirm the existing dichotomy between arbitrariness and iconicity. The results about arbitrariness have some aspect that refers to iconicity showed that the analyzed signals have the parameters articulation point (PA) and non-manual expressions (ENMs), thus confirming that non-directional verbs correlate with iconicity.

Keywords: Brazilian sign language; iconicity and arbitrariness; pathways of sense.

1. INTRODUÇÃO

A língua é apontada por Sapir (1969, p. 19) como um instrumento importante para se estudar cientificamente, determinada cultura, pois para ele, a cultura de um povo está expressa na sua língua. Esta, no seu ponto de vista, não é apenas um meio de comunicação, nem tampouco se pode imaginar alguém ajustado à realidade, “sem o auxílio essencial da língua”.

Segundo o autor, o “fato inconcusso é que o ‘mundo real’ se constrói inconscientemente, em grande parte, na base dos hábitos linguísticos do grupo”. O linguista afirma que não “há duas línguas que sejam bastante semelhantes para que se possa dizer que representam a mesma realidade social. Os mundos que vivem as diversas sociedades humanas são mundos distintos e não apenas um mundo com muitos rótulos diversos” (SAPIR, 1969, p. 20).

Partindo dessa concepção, Quadros e Schmieidt (2006, p. 13) afirmam que as línguas “expressam a capacidade específica dos seres humanos para a linguagem, expressam as culturas, os valores e os padrões sociais de um determinado grupo social”. Benveniste (2005) afirma que todas as línguas conquistaram direitos para representar a linguagem. Para ele, certas categorias são comuns a todas as línguas. As investigações linguísticas “apontam e descrevem a existência de características linguístico-estruturais que marcam as línguas humanas naturais” (GESSER, 2009, p. 19).

Segundo Benveniste (2006, p. 32), “Saussure viu que há [...] dois eixos no modo de ver a língua, que ele denominou *sincrônico* e *diacrônico*. Nós [...] quando falamos:

agenciamos palavras, [...] os elementos destes agenciamentos representam cada um uma escolha entre várias possibilidades”. Para Benveniste, isso é a chave do que se chama estrutura e, para atingi-la, é necessário isolar os elementos distintivos de um conjunto finito e estabelecer a combinação de tais elementos; nas línguas de sinais (LSs) estes elementos são os parâmetros: configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (M), orientação da mão (OM) e expressões não manuais (ENM).

Quadros e Karnopp (2004), Gesser (2009), Ferreira (2010), Frydrych (2012), entre outras, são linguistas que desenvolvem pesquisas as quais evidenciam o caráter natural da Libras, com suas regras e gramática próprias. As LSs têm suas especificidades que as diferem das línguas orais (LOs), isto é, a modalidade e, conseqüentemente, o modo de combinar suas unidades constituintes. Enquanto nas LSs essas unidades (os parâmetros) ocorrem incorporando-se simultaneamente na produção/enunciação do sinal, nas LOs as unidades constituintes se organizam de maneira linear.

Mesmo as línguas de modalidade visual-espacial apresentando as propriedades das demais línguas naturais, por muitas décadas elas não eram reconhecidas como tal. As LSs conquistam a condição de língua apenas recentemente, muito diferente do que aconteceu com as LOs. Essa conquista se deu a partir dos estudos do linguista norte-americano Stokoe, que, na década de 1960, pesquisou a Língua de Sinais Americana (American Sign Language - ASL). Aquela década foi um marco histórico para as pesquisas cujos objetos de estudo centravam-se nas LSs, pois foi a partir desse momento que a ASL se tornou referência para as pesquisas de outras LSs, como a Libras.

Gesser (2009, p. 11) afirma que uma das concepções mais frequentes é que muitas pessoas pensavam e/ou ainda pensam que a LSs é universal; no entanto, pesquisas comprovam que isso é um mito. A autora declara que, assim como cada país possui sua própria língua oral, cada país também possui sua língua de sinal. No caso do Brasil, a LO é o Português e a LSs é a Libras. Segundo Gesser, “podemos dizer que o que é universal é o impulso dos indivíduos para a comunicação e, no caso dos surdos, esse impulso é **sinalizado**” (grifos da autora).

No Brasil, as pesquisas acerca da Libras se efetivam no campo da linguística como, também, no campo da cultura e identidade surdas. Essas pesquisas, somadas à articulação política da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), contribuíram para o reconhecimento e regulamentação da Libras, ocorrida

com a homologação da lei federal nº 10.436 de 24/04/2002 e do decreto nº 5.626 de 22/12/2005.

Nos últimos anos as pesquisas linguísticas que têm a Libras como objeto de estudo vêm se expandindo. Entre essas, poucas abordam a iconicidade e a arbitrariedade na Libras. Algumas fazem menção desses fenômenos de modo incipiente, outras tratam tais fenômenos de forma mais detalhada. Porém, há escassez dessas no campo da Semiótica; mais escassas ainda são as investigações no campo da semiótica greimasiana.

Este artigo exhibe algumas reflexões acerca da arbitrariedade na Libras questionando se este fenômeno é isento ou não de alguma correlação com a iconicidade. Vale frisar que a arbitrariedade é menos enfatizada do que a iconicidade nas pesquisas já realizadas. Nesta pesquisa, as reflexões fundamentam-se no modelo do quadrado semiótico greimasiano, que permitiu o esboço de dois percursos de sentido, os quais possibilitaram novas interpretações nas relações de sentido acerca da arbitrariedade nessa língua.

A organização deste trabalho conta com uma seção em que são apresentadas, sucintamente, algumas concepções acerca da linguística, da semiótica greimasiana, da iconicidade e da arbitrariedade. Outra seção é constituída pelos sinais selecionados e pelos percursos de sentido traçados. Noutra seção expõem-se as análises dos resultados e, por fim, as considerações finais.

2. REFLEXÕES ACERCA DA LINGUÍSTICA, DA SEMIÓTICA GREIMASIANA, DA ICONICIDADE E DA ARBITRARIEDADE

Anteriormente questionava-se: De que maneira a Linguística era aplicada às LSs e aos estudos sobre a aquisição dessas línguas? Atualmente, questiona-se justamente o contrário, ou seja, de que maneira as LSs e os estudos sobre o processo de aquisição das mesmas podem contribuir para com os estudos linguísticos? Para Quadros (2009, p. 144-145), essa mudança no foco do questionamento, embora tenha ocorrido com sutileza, fez com que novos horizontes de investigação se abrissem na área da linguística, procurando explicar o que é diferente entre as modalidades das LSs e das línguas orais (LOs).

Novos horizontes de investigação já eram concebidos por Benveniste (2005), pois segundo ele o campo de pesquisa dos linguistas ampliara-se e todas as línguas conquistaram direitos para representar a linguagem; para o autor, certas categorias são comuns a todas as línguas. Nessa concepção, encontram-se incluídas as línguas de modalidade visuo-espacial. As pesquisas acerca das LSs mostram que, além das contribuições linguísticas que essas favorecem, também vêm confirmar a relação estreita com outras áreas.

A Linguística utiliza-se da língua para tratar dela própria, ou seja, tem a língua por seu objeto de estudo. Segundo Benveniste (2006, p. 63-64), a língua “nos fornece o único modelo de um sistema que seja semiótico simultaneamente na sua estrutura formal e no seu funcionamento [...]”. A língua tem a capacidade de interpretar todos os sistemas semióticos, pois, conforme o autor, apenas ela “pode conferir [...] a outros sistemas a qualidade de sistemas significantes informando-os da relação de signo”.

Costa (2012, p. 24-25) reitera que todos “os signos, que sejam considerados arbitrários e/ou icônicos permitem que uma nova observação proponha um novo olhar principalmente na análise das línguas de sinais que podem propiciar novas descobertas”. Esse novo olhar é aplicado a este trabalho, pois a proposta é analisar alguns sinais de acordo com os percursos de sentido estabelecidos pelo modelo do quadrado semiótico.

A Semiótica tem os signos por seu objeto de estudo e fundamenta-se nas discussões da lógica e do significado dos objetos. De acordo com Santaella (1983, p. 13), é “a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, examina os modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como o de produção de significação e de sentido”.

O percurso de sentido agrega significação de oposições semânticas. É estabelecido a referenciação, segundo Matte e Lara (2009, p. 342), “dentro de um universo de possibilidades semânticas, nas instâncias de tempo, espaço e pessoa, que, por sua vez, as concretizam em relação ao mundo dinâmico das coisas e dos seres”. As autoras afirmam que “[...] as estruturas narrativas servem de suporte não apenas aos temas e figuras do discurso [...] mas também às pistas que denunciam a enunciação sempre suposta a qualquer evento de discursivização e textualização”.

O sentido se dá numa rede de relações em seus diferentes níveis, entre eles o fundamental. Na concepção de Pietroforte (2017 a, p. 13), ao buscar-se o sentido, “busca-se determinar não uma relação fundamental, mas uma rede fundamental de relações”. Nesse sentido, procurou-se estabelecer como se dá a relação entre

arbitrariedade e iconicidade na Libras, haja vista que ambas se definem uma em relação a outra.

Ao analisarem a origem e a motivação de alguns sinais da Libras, Quadros, Pizzio e Rezende relacionam a iconicidade com o aspecto da “transparência do signo e do significado e seus limites”. As autoras afirmam que no aspecto do fenômeno da arbitrariedade, “a palavra (signo linguístico) é arbitrária porque é sempre uma convenção reconhecida pelos falantes de uma língua. As línguas de sinais apresentam palavras em que não há relação direta entre a forma e o significado” (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009, p. 10-15).

De acordo com o modelo do quadrado semiótico, *iconicidade vs. arbitrariedade* são os termos contrários cuja relação orienta os percursos de sentidos traçados. “Por meio de operações de afirmação e negação, geram-se os termos contraditórios e sistematizam-se as relações de contrariedade, contradição e implicação que descrevem a rede fundamental de relações capaz de gerar sentido” (PIETROFORTE, 2017 b, p. 13). Segundo o autor, os termos contrários são excludentes, pois, ao se afirmar um dos termos, anula-se o outro.

As ciências da linguagem atestam a arbitrariedade do signo linguístico, entretanto, como alega Pietroforte (2017 a, p. 107), “as propriedades fonológicas dos significantes são [...] aproveitadas para gerar efeitos de sentido capazes de relacionar expressão e conteúdo”. O autor afirma que “Por meio dessa relação, significante e significado [...] parecem motivados”.

O fenômeno iconicidade, segundo Jeremias (2018, p. 39), tem sido tradicionalmente apresentado como “um tipo de convencionalização entre os sinais e os significados que eles representam”. O emprego do termo tradicionalmente remete à arbitrariedade do signo linguístico, na perspectiva do pensamento saussuriano. Entretanto, de acordo com Jeremias, é “natural encontrar o termo correlacionado com os sinais da libras, apontando a transparência entre o sinal e seu significado”.

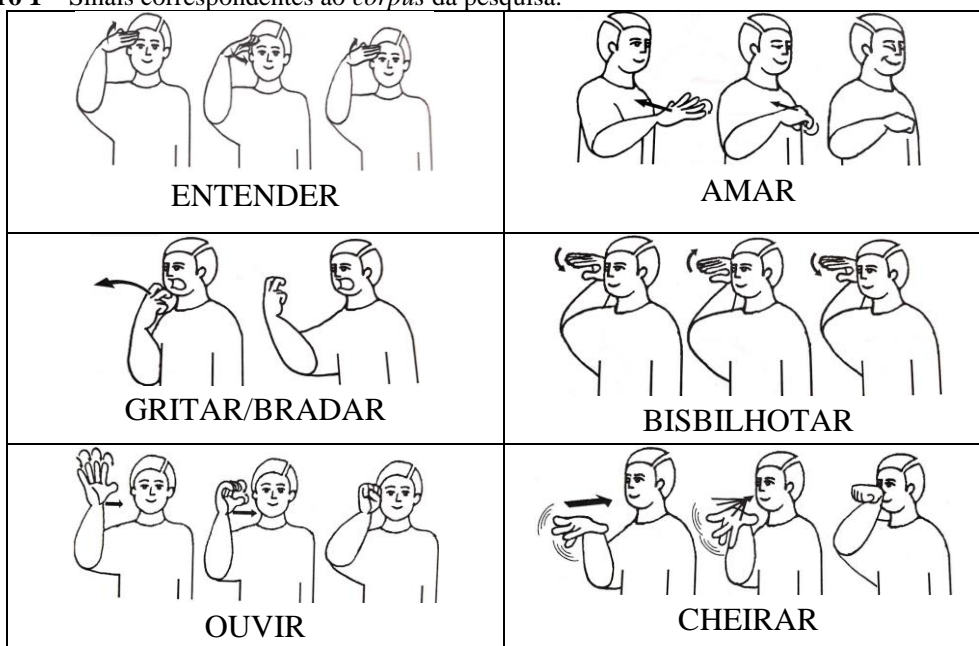
Freitas (2007, p. 2) certifica que é fundamental considerar as “escolhas lexicais na produção de sentido e na eficácia comunicativa. [...]. Os itens lexicais são as pistas de leitura: funcionam como ‘âncoras textuais’ ou ‘bússolas’, na descoberta dos sentidos, mas esta está sujeita às condições de produção e interpretação”. Para a autora, quanto mais adequada for a escolha dos itens lexicais maior será a iconicidade. Isso implica a eficácia na compreensão de sentidos entre os interlocutores durante uma enunciação.

3. OS SINAIS SELECIONADOS E OS PERCURSOS DE SENTIDO

Esta seção exhibe os sinais escolhidos para realizar as investigações e também os percursos de sentido estabelecidos a partir do quadrado semiótico. Estes percursos, como anunciado na introdução, possibilitaram novas interpretações nas relações de sentido.

Os sinais que foram selecionados para a pesquisa pertencem à categoria *verbo não direcional* da Libras. A maioria desses são verbos que exprimem estado ou ação. Na concepção de Ferreira (2010), os verbos de estado, em geral, são de ordem cognitiva, emocional ou experiencial. Segundo a autora (2010, p. 61), estes verbos são “ancorados no corpo”, isto é, verbos cujos sinais são feitos em contato com o corpo ou muito próximo a ele. O quadro a seguir apresenta sinais ancorados no corpo; eles constituem o *corpus* da pesquisa.

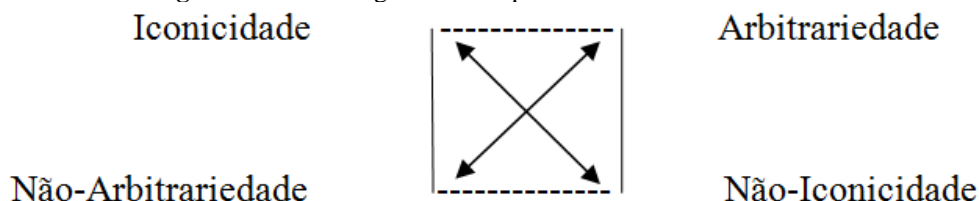
Quadro 1 – Sinais correspondentes ao *corpus* da pesquisa.



Fonte: Capovilla e Raphael (2008, p. 591 - 184 - 313 - 295 - 988 - 399).

Os referidos sinais foram analisados levando-se em consideração os parâmetros para a criação de um sinal, isto é, a CM (configuração de mão), o PA (ponto de articulação), o M (movimento) e as ENM (expressões não manuais). O modelo do quadrado semiótico que se apresenta a seguir possibilitou o traçado de dois percursos, os quais foram contrapostos proporcionando interpretações nas relações de sentido.

Figura 1- Modelo legendado do quadrado semiótico de Greimas

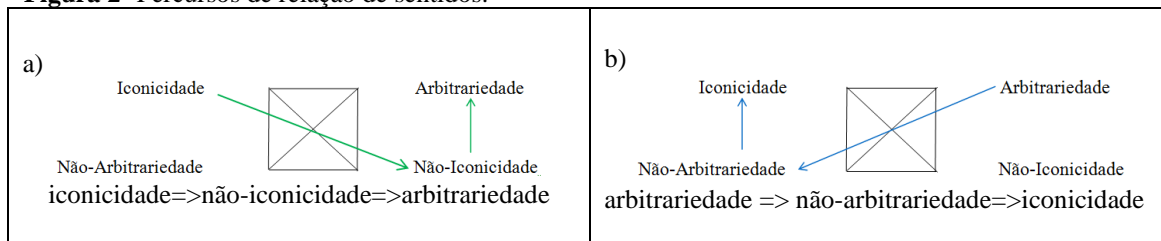


Legenda: ----- = relação de contrariedade
 ↔ = relação de contradição
 ——— = relação de complementaridade

Fonte: Adaptado de Pietroforte (2017 a, p. 14).

A partir do quadrado semiótico foram traçados dois percursos; nestes as relações de sentido vão se estabelecendo.

Figura 2- Percursos de relação de sentidos.



Fonte: Adaptado de Pietroforte (2017 a, p. 70).

Os termos *iconicidade/arbitrariedade* e *não-icônica/não-arbitrariedade* são contrários; *arbitrariedade/não-arbitrariedade* e *iconicidade/não-icônica* são os termos contraditórios; a relação de complementaridade ocorrem com os termos *não-arbitrariedade/iconicidade* e *não-icônica/arbitrariedade*.

De acordo com o percurso *Iconicidade => não-icônica => arbitrariedade*, a *iconicidade* é negada através do parâmetro CM e, em contrapartida, afirma-se a *arbitrariedade* por meio de outro parâmetro PA. Ao transitar do ponto *iconicidade* até o ponto *arbitrariedade*, passa-se pelo ponto *não-icônica*: esta é uma contradição da *iconicidade*, que implica em *arbitrariedade*.

O segundo percurso *arbitrariedade => não-arbitrariedade => icônica* opõe-se ao primeiro. Através do parâmetro PA, nega-se a *arbitrariedade* e ao passar pelo ponto *não-arbitrariedade* constata-se que este implica ou complementa o significado ou sentido do sinal/signo.

4. REFLEXÕES ACERCA DOS RESULTADOS

Antes de abordar os resultados, é importante ressaltar que durante as análises procurou-se verificar se o fenômeno da arbitrariedade na Libras, é isento ou não de alguma correlação com a iconicidade. Neste sentido, levantou-se a hipótese de que sinais/signos arbitrários ou imotivados relacionados a verbos de estado como, por exemplo, ENTENDER pudessem apresentar essa correlação devido a sua localização ser na região da cabeça ou próximo a ela.

Diante dos percursos estabelecidos, apresentam-se algumas reflexões das análises dos sinais dotados de arbitrariedade, levando-se em consideração os parâmetros da Libras.

Partindo dos percursos expostos, em sua forma de conteúdo, a arbitrariedade é notória nos sinais ENTENDER/AMAR/GRITAR/BISBILHOTAR/OUVIR/CHEIRAR. Verifica-se, contudo, que esses sinais apresentam, em sua forma de expressão e em suas redes de relações, um ponto de intersecção com a iconicidade. Isso significa dizer que a arbitrariedade na Libras tem algum parâmetro que remete à iconicidade, ou seja, a arbitrariedade não é totalmente isenta de uma correlação com a iconicidade.

Os sinais apresentam em comum a CM e o M como isentos de iconicidade, ou seja, esses são parâmetros que evidenciam a arbitrariedade, pois sua forma de conteúdo e expressão não se remete ao referente. Essa evidência de arbitrariedade Silva (2011, p. 36) denomina baixa iconicidade; conforme o autor, isso ocorre devido ao fato de o leitor ou enunciatário não ter pistas para produzir sentido, tornando o texto ou sinal opaco.

Ao se analisarem os parâmetros CM e M de cada sinal, quando em trânsito pelo percurso *a) iconicidade => não-iconicidade => arbitrariedade*, partiu-se da negação da iconicidade até chegar à afirmação da arbitrariedade. Ao se realizar, no entanto, o percurso inverso, *b) arbitrariedade => não arbitrariedade => iconicidade*, nega-se, por meio das análises dos parâmetros PA e ENM, a arbitrariedade e constata-se a existência de iconicidade abstrata ou remota.

Desse modo, no que se refere à categoria *verbos não direcionais* ancorados no corpo, entende-se que os parâmetros PA e ENM são elos entre a iconicidade e a arbitrariedade na Libras. Essa identificação foi possível a partir do modelo do quadrado semiótico greimasiano, que possibilitou o vislumbre dos percursos e das relações de sentido entre os dois fenômenos nos sinais analisados.

Dos verbos investigados, exceto AMAR, que se articula próximo do lado esquerdo do peito, todos são articulados em algum ponto da cabeça ou próximos a ela. ENTENDER é articulado na testa, mais precisamente na região frontal; o sinal GRITAR é expresso em frente da boca; BISBILHOTAR é realizado muito próximo ao canto do olho; OUVIR é um sinal cuja articulação é realizada próxima ao ouvido, e o sinal CHEIRAR tem sua articulação próxima ao nariz.

Segundo Ferreira (2010, p. 38), os “sinais realizados em contato ou próximos a determinadas partes do corpo pertencem, muitas vezes, a um campo semântico específico, organizado a partir de características icônicas”. Nesse sentido, reafirmou-se o que a autora concebe como “o que se refere à visão é realizado perto dos olhos; o que se refere à alimentação, perto da boca; o que se refere a sentimentos, perto do coração; o que se refere a raciocínio, perto da cabeça”.

Seguindo essa lógica, acrescenta-se que os sinais relacionados à emissão de sons da fala, assim como aqueles que se referem à alimentação, também são realizados perto da boca; os sinais relacionados ao olfato são realizados próximos ao nariz.

O modelo do quadrado semiótico é “talvez o mais emblemático esquema visual produzido pela teoria [...]” (DOMANESCHI, 2017, p. 51). Nessa perspectiva, entende-se que, devido a Libras ser uma língua de modalidade visual-espacial, enquadra-se nesse típico esquema visual.

O trânsito durante as análises deu-se ora no percurso *a) iconicidade => não-iconicidade => arbitrariedade*, ora no percurso *b) arbitrariedade => não-arbitrariedade => iconicidade*. Em ambos os percursos, de acordo com Pietroforte (2017, b), ao se afirmar um dos termos, nega-se o outro. Nesses percursos, identificou-se que os parâmetros CM e M são dotados de arbitrariedade, logo, isentos de iconicidade. Os parâmetros PA e ENM, porém, como dito anteriormente, têm sua arbitrariedade que leva à aparente iconicidade.

Os sinais em questão são mais abstratos e seus parâmetros CM e M indicam uma arbitrariedade. Quanto menos parâmetros lembrar o referente, menos evidente será a iconicidade (e vice-versa). Isso implica dizer que os parâmetros PA e ENM são identificados como elo ou intersecção entre a arbitrariedade e a iconicidade para a categoria verbos não-direcionais na Libras. Os sinais que compõem o *corpus* dessa pesquisa têm esses parâmetros como aqueles que, remotamente, induzem ao significado/sentido do referente, ou seja, eles revelam certa iconicidade.

Essa identificação leva à afirmação de que outros verbos não-direcionais ancorados no corpo ou próximos dele, tenham a mesma interpretação. Mesmo os verbos analisados sendo arbitrários em sua forma, eles possuem pelo menos um parâmetro que pode denotar certa correlação com a iconicidade e, conseqüentemente, é denominada de iconicidade abstrata ou remota.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho buscou-se demonstrar que, na Libras, iconicidade e arbitrariedade não são tomadas como fenômenos isolados ou estanques, pois possuem uma intersecção, haja vista que ambas definem-se uma em relação a outra. A pesquisa teve como foco alguns sinais pertencentes à categoria *verbos não direcionais* ancorados no corpo, pois, em sua grande maioria, são sinais articulados na cabeça.

ENTENDER/AMAR/GRITAR/BISBILHOTAR/OUVIR/CHEIRAR são sinais que têm o parâmetro ENM como fundamental para sua compreensão, ou seja, para identificar seu sentido, dependendo do contexto discursivo, pois a relação de sentido se complementa. Nas LSs o parâmetro ENM é um componente da estrutura gramatical dessa língua.

As análises reafirmaram a dicotomia existente entre arbitrariedade e iconicidade. Verificou-se que, mesmo um sinal sendo considerado arbitrário, ao transitar pelos percursos **a) iconicidade => não-iconicidade => arbitrariedade e, b) arbitrariedade => não arbitrariedade => iconicidade** pode-se chegar a uma remota iconicidade, sem que isso desrespeite o princípio saussuriano da arbitrariedade do signo linguístico.

Em consonância com a proposta de problematizar a iconicidade e a arbitrariedade na Libras, realizou-se a contraposição entre ambas. Como dito anteriormente, isso se tornou possível a partir da Semiótica greimasiana, mais propriamente com o quadrado semiótico, que implicou novas interpretações de sentidos.

Com relação ao questionamento da arbitrariedade ser isenta ou não de alguma correlação com a iconicidade, levantou-se a hipótese de que sinais/signos arbitrários ou imotivados relacionados a verbos de estado, como ENTENDER, pudessem apresentar essa correlação devido a sua localização ser na região da cabeça ou próxima a ela. Identificaram-se alguns traços de correlação entre a iconicidade e a arbitrariedade na

Libras no que diz respeito aos verbos ancorados no corpo. Os resultados encontrados confirmam a hipótese levantada.

Nesse sentido, o objetivo de problematizar o fenômeno iconicidade e arbitrariedade na Libras foi atingido. As análises reafirmam a dicotomia existente entre a arbitrariedade e a iconicidade. Os resultados evidenciaram que os sinais analisados têm parâmetros em comum, confirmando, assim, que os verbos não direcionais denotam arbitrariedade e esta de forma remota apresenta correlação com a iconicidade.

Esta pesquisa aborda um ponto bastante importante das discussões sobre os estudos linguísticos da Libras e, também, acrescenta algumas contribuições ao leque de conhecimentos acerca do fenômeno iconicidade e arbitrariedade nessa língua.

Dada a importância do tema, considera-se que muito ainda há para se percorrer no campo de investigação nesta área que, por conseguinte, é um campo fértil de trabalho para outros pesquisadores que queiram se debruçar em estudos acerca dos verbos não direcionais, como aqueles que incorporam o objeto e, também, outras categorias na Libras, incluindo os classificadores.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. 5ª Edição – Campinas, SP. Pontes Editores, 2005.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. 2ª Edição – Campinas, SP. Pontes Editores, 2006.
- COSTA, V. H. S. *Iconicidade e Produtividade na Língua Brasileira de Sinais: a dupla articulação da linguagem em perspectiva*. Dissertação apresentada à UFSC. Florianópolis, 2012. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/100945/313047.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 05 abr. 2018.
- DOMANESCHI, E. *O quadrado semiótico greimasiano: herança e transformação*. Estudos Semióticos. Revistas da USP, 2017. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/140738/135670>>. Acesso em 14 set. 2018.
- FERREIRA, L. *Por uma gramática de língua de sinais*. – [reimpr.]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.
- FREITAS, M. N. F. C. Iconicidade e leitura. In.: *I Colóquio de Semiótica: Mundos semióticos possíveis*, 2007, Rio de Janeiro. Atas do IX FELIN, 2007. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/pdf/40.pdf>>. Acesso em 10/06/2018.
- FRYDRYCH, L. A. K. Rediscutindo as noções de arbitrariedade e iconicidade: implicações para o estatuto linguístico das línguas de sinais. *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].

- GESSER, A. *LIBRAS?: Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. [Prefácio de Pedro M. Garcez]. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- JEREMIAS, D. A. Iconicidade em Sentenças Transitivas da Libras: uma motivação formal e conceptual. *PERcursos Linguísticos*. Vitória (ES). v. 8 n. 18. 2018. ISSN: 2236-2592. Disponível em <<http://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/19061/13901>>. Acesso em 22 jan. 2019.
- MATTE, A. C. F.; LARA, G. M. P. *Ensaio de semiótica: aprendendo com o texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- PIETROFORTE, A. V. *Semiótica Visual: os percursos do olhar*. – 3. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017 a.
- _____. A palavra e o discurso. In.: *Semiótica: objetos e práticas*. Ivã Carlos Lopes e Nilton Hernandes (org.). – 2. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017 b.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artimed, 2004.
- QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, M. L. P. *Idéias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: MEC, SEESP, 2006.
- QUADROS, R. M. Aquisição das Línguas de Sinais. In.: *Estudos Surdos IV*. Ronice Muller de Quadros e Marianne Rossi Stumpf (organizadoras). – Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.
- QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L.; Rezende, P. L. F. *Língua Brasileira de Sinais I*. Florianópolis-SC, 2009. Disponível em <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifico/linguaBrasileiraDeSinaisI/assets/459/Texto_base.pdf>. Acesso em 06/12/2018.
- SANTAELLA, L. *O que é semiótica?* São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos, 103).
- SILVA, J. P. *Construção imagética do texto: Contribuições da teoria da iconicidade verbal para uma tradução intermodal e intersemiótica/interlingual*. São Paulo, 2011. Monografia. Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo – Curso de Especialização em Interpretação/Tradução em LIBRAS - Português. Orientador: Ana Luíza Gomes Pinto Navas.

Data de recebimento: 07/10/2019

Data de aprovação: 29/01/2020